

Palco

Melhores peças de teatro 2018

Variado e desafiante, o teatro mostrou a sua raça em tempo de dificuldades. Rui Monteiro traça um roteiro pelas melhores cenas do ano.

A Boa Alma de Sé-Chuão, DE BERTOLT BRECHT, ENCENAÇÃO DE PETER KLEINERT

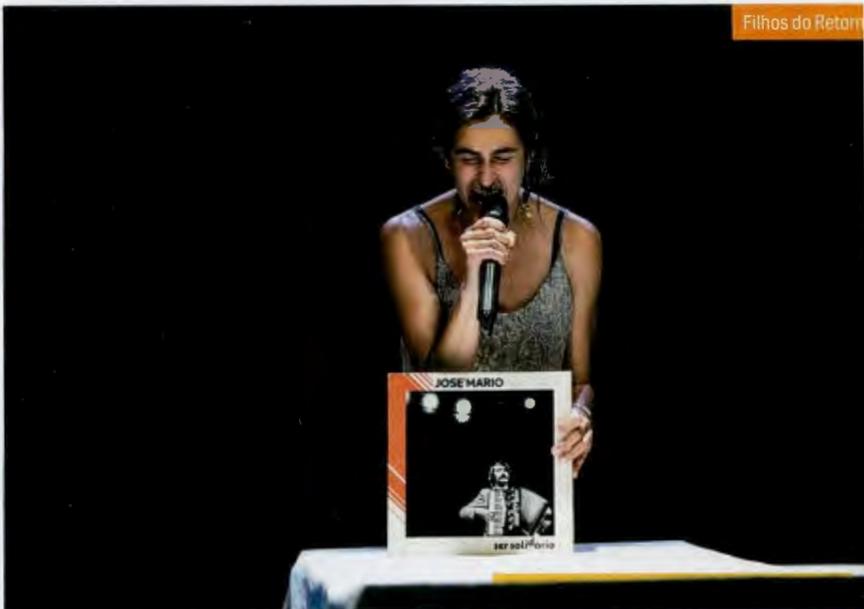
É possível ser-se bom num mundo cruel? O autor não deu resposta, e, na montagem de Peter Kleinert, esta é ambígua e a conclusão ardilosamente deixada aos espectadores desta peça encenada como um espectáculo musical.

Colónia Penal, DE JEAN GENET, ENCENAÇÃO DE ANTÓNIO PIRES

A direcção de António Pires cria um universo homoerótico dominado pelo desejo e pela ausência de esperança tão significantes na obra do escritor francês, numa assombrada construção dramática de um universo concentracionário e claustrofóbico cercado pela luz excessiva do deserto e dominado pela arbitrariedade.

Credores, DE AUGUST STRINDBERG, ENCENAÇÃO DE PAULO PINTO

A madura e persistente racionalidade da peça torna esta obra relevante, a bem dizer quase um clássico, que Paulo Pinto encena com serenidade, ao mesmo tempo muito bem



assumindo o papel do manipulador Gustavo, partindo do mote: afinal, de que falamos quando falamos de amor?

Filhos do Retorno, AUTORIA E ENCENAÇÃO DE JOANA CRAVEIRO

Para chegar a mais um capítulo dedicado à importância do passado histórico português, Joana Craveiro recorre ao conceito de pós-memória para abordar a descolonização através de uma peça que flui coerentemente, ao mesmo tempo consciente das mentiras e mitos a que a memória recorre para esconder o racismo e a exploração e a violência.

Hamlet, DE WILLIAM SHAKESPEARE, ENCENAÇÃO DE COMPANHIA DO CHAPITÔ

Com três corpos e uma mão-cheia de gravatas, a Companhia do Chapitô atira-se mais uma vez aos clássicos com uma dramaturgia que não deixa pedra sobre pedra deste monumento teatral, com o bónus do efeito secundário do riso compulsivo.

Imperatore, AUTORIA E ENCENAÇÃO DE PEDRO SOUSA LOUREIRO

Entre o circo e o gabinete de horrores, os Pato Bravo observam esta era através dos seus pormenores. Parece uma festa. Mas também pode ser a última ceia... Houvesse um profeta – não apenas um mal-estar e uma vontade de acção.

Mártir, DE MARIUS VON MAYENBURG, ENCENAÇÃO DE RODRIGO FRANCISCO

Vivemos tempos assaz complexos que o texto torna em subtil e ardiloso drama, pois, conhecidas as consequências, procura as causas da radicalização política e religiosa. O que foi muito bem compreendido pela encenação, que montou o espectáculo como um caleidoscópio social avariado pela intolerância e o sectarismo.

O Mundo É Redondo, DE GERTRUDE STEIN, ENCENAÇÃO DE ANTÓNIO PIRES

António Pires regressa a esta lista por mor da sua especial relação com o trabalho de Gertrude Stein, desta vez montando um espectáculo luminoso e poético a partir de um livro infantil da autora.

The Swimming Pool Party, DE RICARDO NEVES-NEVES, ENCENAÇÃO DE MÓNICA GARNEL

Tratado sobre o lado burlesco da aristocracia, a propósito de um crime e de uma senhora com um segredo cabeludo, dirigido como uma ilustração grotescamente lustrosa, esta peça é, com todos os seus condimentos, uma real pândega.

Sweet Home Europa, DE DAVIDE CARNEVALI, ENCENAÇÃO DE JOÃO PEDRO MAMEDE

Em cada história desta peça, o encenador, ilustrando a visão do dramaturgo italiano, mostra uma União Europeia nas lonas, aguentando a custo as pontas de um ideal resvalando entre a ganância e a xenofobia, como uma fábula onde o amor surge como acção política.



Ivo Canelas

Melhor Actor

Em *Credores*, a peça de August Strindberg encenada por Paulo Pinto – que, a bem dizer, passou despercebida no último andar do Teatro da Trindade –, Ivo Canelas põe em cena mais do que a sua longa experiência, o seu talento para o pormenor. A interpretação do actor, no papel de pintor procurando inspiração na escultura e de marido roído pelo desejo e o afastamento da mulher, é representada exemplarmente, expondo a fragilidade psicológica da personagem nos pequenos gestos e discretos esgares com que cai na agonia do ciúme.

Melhor Actriz

Ana Cris é uma daquelas actrizes para quem parece não existirem papéis difíceis. Mostrou-o mais de uma vez ao longo da sua carreira; curta, é certo, mas garantidamente segura. E, em *Mártir*, o texto de Marius von Mayenburg, dirigido por Rodrigo Francisco, vai um pouco mais além na sua criação da professora de Biologia que enfrenta um adolescente fanaticamente cristão (já agora: muito bem interpretado pelo jovem Vicente Wallenstein) e, para encurtar, o “sistema”, opondo o racionalismo à condescendência, assim, por palavras e actos interpretativos, percorrendo realisticamente e muito emocionalmente a via dolorosa que o autor destinou a Érica.



Ana Cris